



O MECANICISMO E A CAUSALIDADE NA ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA DE THOMAS HOBBS

Tiago Antonio de Oliveira

Pós-Graduando do Curso de Mestrado em Filosofia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e bolsista do CNPq

1. Introdução

Este trabalho tem como propósito explorar o mecanicismo e a concepção de causalidade na filosofia natural de Thomas Hobbes e sua influência na sua teoria antropológica, de modo a estabelecer uma possível relação dessa visão com sua filosofia política.

A pergunta que norteia nossa pesquisa é a que se segue: “Como Hobbes, ao postular um determinismo radical para o universo (por meio do seu materialismo e a noção de causalidade), consegue aplicar essa mesma lógica para explicar a complexidade das ações humanas?”. Além disso, nossa pesquisa busca refletir também sobre um aspecto ainda mais desafiador dentro da filosofia hobbesiana, ou seja, a forma pela qual o autor consegue compatibilizar o conceito de necessidade e liberdade.

Trata-se de um tema de importância fundamental, uma vez que a compreensão da filosofia natural de Hobbes permite que compreendamos de maneira mais abrangente o seu sistema filosófico (tanto sua antropologia como, mais tarde, sua filosofia política). Em outras palavras, acreditamos que ao desenvolvermos uma análise sobre as teses apresentadas pelo autor acerca desses temas, poderemos compreender o sistema hobbesiano de maneira mais ampliada e completa.

Dessa forma, estamos diante de um trabalho que possui, em certa medida, uma função que é social e, ao mesmo tempo, acadêmica. Nossa pesquisa busca contribuir com o campo das pesquisas em Hobbes, uma vez que busca construir uma proposta de interpretação de compreensão de uma parcela da história da filosofia e também dos argumentos que sustentam a filosofia política de um autor que é considerado como sendo o pai do conceito moderno de Estado.



Como consequência, nosso objetivo geral é *Propor uma análise interpretativa da filosofia natural hobbesiana* e nossos objetivos específicos são: (i) Analisar as definições das noções de causalidade no interior do pensamento hobbesiano; (ii) Discutir a concepção de causalidade e sua importância para a obra de Thomas Hobbes; (iii) Detalhar as concepções de sensação, imaginação, paixões e vontade na obra *Leviatã*; (iv) Explicitar a concepção de vontade levando em consideração a sua influência do mecanicismo e causalidade.

2. Metodologia

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho consiste, principalmente, na análise bibliográfica e conceitual das obras de Thomas Hobbes (*Leviatã*, *De corpore*, *Do cidadão e Questions*), utilizando um recorte histórico analítico.

No que diz respeito ao recorte histórico, a análise se desenvolverá levando em consideração o período em que foram formulados os conceitos, os problemas pertinentes à época (nesse caso, principalmente o contexto científico com o surgimento e popularização do mecanicismo enquanto corrente físico/filosófica, a nascente ciência moderna e por fim o contexto artístico e político, início da idade moderna como oposição a renascença e a idade média).

Para tanto, utilizamos o recurso de leitura analítica esmiuçando os conceitos principais utilizados pelo filósofo e as teses filosóficas que estão por trás deles. A análise dos conceitos se desenvolverá mediante leitura minuciosa (levando em consideração as definições do autor e as interpretações diferentes dos comentadores) e crítica das obras selecionadas objetivando compreender não só os argumentos mas as estruturas de pensamento.

Para isso, fez-se necessário a construção de fichamento das obras do autor e de outros comentadores dentro da Filosofia. Assim como, levantamento de obras, identificação e seleção de obras relevantes ao tema abordado tanto pelo autor principal, como outros pensadores possibilitando uma concepção ampla acerca da problemática.

Além disso, a construção de nossas análises considera os pressupostos da análise semântica, a qual foram estabelecidos por Dominique Folscheid e Jean-Jacques



Wunenburger na obra Metodologia filosófica (2006).

3. Resultados e discussão

A filosofia naturalista de Hobbes oferece uma compreensão bastante interessante acerca da antropologia e, posteriormente, filosofia política de Hobbes. Essa situação pode ser verificada no fato de que

O estudo desenvolvido até então possibilitou a constatação de que Hobbes propõe uma concepção das faculdade humanas, principalmente a concepção sobre a deliberação pautada no mecanicismo e na noção de causalidade, recusando e opondo-se a uma abordagem tradicional que sustenta uma base metafísica para as faculdades humanas.

A análise desenvolvida até então se dá por meio da divisão entre dois aspectos da filosofia hobbesiana, saber o primeiro aspecto é denominado por “filosofia natural” (classificação elaborada pelo próprio autor) e o segundo aspecto levado em consideração são as definições dos conceitos sensação, imaginação, paixões, vontade e deliberação, o que denominamos aqui de “antropologia hobbesiana¹”.

No que diz respeito a filosofia natural, vale destacar o mecanicismo hobbesiano que em linhas gerais consiste em uma proposta de interpretação sistemática que defende a ideia de que o universo opera como um mecanismo, constituído por partes interligadas e governado por leis específicas, compreendidas pelo ser humano especialmente através da matemática. Esse modelo mecanicista fundamenta-se em dois componentes essenciais: o conceito de "corpo" e seus correspondentes "movimentos". O primeiro refere-se a qualquer entidade que possui existência material e ocupa lugar no espaço. O segundo, por sua vez, define-se como um princípio imaterial, que não detém a substância física nem ocupa espacialidade. Assim, o movimento consiste na translação de um corpo que modifica sua posição espacial ao longo do tempo, deslocando-se de um ponto inicial "X" para um ponto final "Y".

A concepção mecanicista da realidade está interligada a concepção de causalidade, apresentada na obra *De Corpore* onde Hobbes redefine os conceitos de *causa* e *efeito* através dos termos *agente* e *paciente*. Nessa estrutura, o *agente*

¹ Optamos por utilizar essa definição, mas reconhecemos que autores como Bernard Gert (2011) utilizam uma nomenclatura diferenciada, como “psicologia hobbesiana”.



corresponde ao *corpo* que inicia a ação causal (como o fogo ao aquecer), enquanto o *paciente* é o *corpo* que sofre a ação (como a mão aquecida), gerando-se neste último um *acidente* denominado *efeito*. Embora essa dicotomia tenha raízes na filosofia aristotélica, Hobbes a reinterpreta para alicerçar uma filosofia natural mecanicista, antagônica ao modelo aristotélico. Em sua abordagem, Hobbes rejeita categorias metafísicas tradicionais, reduzindo toda causalidade ao contato físico entre corpos. No exemplo mencionado, o fogo atua como agente causador, cujo contato (por colisão ou atrito) produz no paciente um efeito-acidente — compreendido como alteração mecânica passiva no corpo afetado, como a mudança térmica da mão.

Passemos agora à análise da “antropologia hobbesiana”, buscando elementos para compreender se há nas definições dos conceitos antropológicos influência da filosofia natural do autor. Nesse sentido, Hobbes desenvolve uma concepção profundamente marcada por seu mecanicismo e sua teoria causal, cujo objetivo analítico é demonstrar essa influência através de sua antropologia, “movimentos internos”. Segundo o autor, todo conteúdo mental origina-se necessariamente dos órgãos sensoriais, estabelecendo as experiências sensoriais como fundamento único do conhecimento humano. Essa definição de sensação configura uma perspectiva empirista em epistemologia, mas transcende esse âmbito ao vincular-se a uma ontologia mecanicista que explica como compreendemos a realidade. Hobbes postula a sensação como origem primária de todos os movimentos internos da mente, gerando todo processo mental subsequente. Tal abordagem busca explicar mecanicamente as faculdades cognitivas e as paixões humanas, partindo do princípio de que toda mudança é movimento derivado da aparência sensível, o que consolida a sensação como base causal dos fenômenos psíquicos.

Ainda sobre as paixões humanas é importante apontar que Hobbes introduz uma inovação decisiva ao defender um determinismo radical e absoluto, sem exceções — estendendo-se inclusive às ações humanas. Nesse sentido, a vontade, uma paixão humana é concebida como elemento integrante de um sistema mecanicista, figurando metaforicamente como engrenagem dentro do aparato causal hobbesiano, onde todos os eventos, inclusive os volitivos, submetem-se a uma cadeia de causalidade necessária.

Hobbes propõe uma solução compatibilista que concilia a existência da



liberdade humana com um universo deterministicamente ordenado. Nessa concepção, a liberdade não reside no livre-arbítrio, mas na capacidade de agir conforme essa vontade — a qual, por sua vez, é determinada por uma cadeia causal de paixões precedentes. Consequentemente, as ações humanas também são causalmente necessitadas. A verdadeira liberdade, assim, manifesta-se na continuidade ininterrupta desse movimento deliberativo e na ausência de impedimentos externos à sua realização concreta.

4. Considerações finais

Em síntese, a análise desenvolvida sobre os escritos do autor possibilitou a constatação de que o mesmo apresenta uma perspectiva alinhada não somente com o mecanicismo como também com a noção de causalidade no que diz respeito à definição da sua teoria antropológica. Nesse sentido, Hobbes sustenta uma coerência entre suas concepções de filosofia natural e antropologia, como o intuito de inferir a antropologia um caráter rigoroso semelhante a sua filosofia natural determinista. Além disso, vale destacar que alguns comentadores apontam que além de uma relação com a filosofia natural e a antropologia em Hobbes existe também uma possível relação entre filosofia natural, antropologia e posteriormente a filosofia política.

Referências

FOLSCHEID, Dominique; WUNENBURGER, Jean-Jacques. **Metodologia filosófica**. Tradução de Paulo Neves. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HOBBS, Thomas. **Do corpo: parte I**. Tradução de Maria Isabel Limongi e Vivianne de Castilho Moreira. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

_____. **Leviatã**. Tradução de J. P. Monteiro e M. B. N. da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

_____. **O cidadão [De Cive]**. Tradução de Renato Janine Ribeiro. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

JESSEPH, Douglas. **Hobbes e o método da ciência natural**. In: SORELL, Tom (Org.). Hobbes. Aparecida: Ideias & Letras, 2011. p. 115-138.

SORELL, Tom. (Org.). **Hobbes**. Aparecida: Ideias & Letras, 2011.